



**Felix Nussbaum (1904-1944)**

Felix Nussbaum (1904-1944)

Luiz Nazario\*

**Resumo:** O artigo descreve a perseguição nazista e as tentativas de fuga do mais trágico de todos os pintores trágicos: Felix Nussbaum, que encarnou em sua vida e em sua obra uma tragédia sem nome, à qual chamamos, inadequadamente, de Holocausto (ou de Shoah), sem conseguir definir precisamente sua dimensão, uma tragédia que não foi produzida pela natureza, nem pelas condições gerais da vida, mas pelo Estado mais poderoso da Europa contra uma minoria então sem Estado, perseguida em toda parte.

**Palavras-chaves:** Felix Nussbaum. História da Arte. Holocausto.

**Abstract:** The article describes the nazi persecution and the attempts to escape by the most tragic of all tragic painters: Felix Nussbaum, who personified in his life and in his work an unnamed tragedy, which we call, inappropriately, Holocaust (or Shoah), without being able to define precisely its size, a tragedy that was not produced by nature, or by the general conditions of life but by the most powerful State in Europe against a minority then stateless, persecuted everywhere.

**Keywords:** Felix Nussbaum. History of Art. Holocaust.

Em fevereiro de 1992, passei um dia em Osnabrück. Eu morava então em Münster e de trem “Intercity” a viagem durava apenas uns vinte minutos. Desci da estação e, sem mapa, encontrei facilmente a Altstadt (o centro histórico): as cidades alemãs parecem ter sido todas planejadas pelo mesmo arquiteto.

Em frente à igreja St. Johann, eu encontrei a Ständenbrunnen, outra fonte de fantoches do escultor Bonifatius Stirnberg, de quem eu era fã: padres, bispos, cavaleiros, camponesas, todos vestidos à moda do século XVII. Os turistas só perceberam que as figuras podiam ser articuladas quando comecei a manipulá-las, modificando as posições de suas pernas, cabeças e braços. Senti-me um pouco como um mestre de cerimônias que inicia um espetáculo.

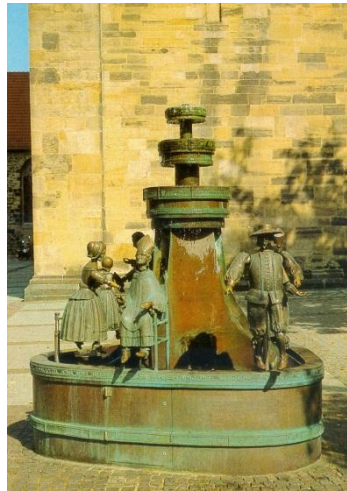


Fig. 1: Ständenbrunnen, de Bonifatius Stirnberg.

O Dom Saint Peter, a catedral de Osnabrück, é menor que a de Münster, mas muito bela. Interessante é o púlpito de mármore avermelhado com detalhes em mármore verde, decorado com cenas bíblicas, de onde os padres faziam seus sermões. A fascinante “Schmiedeeiserne Tür” (Porta de Ferro Fundido), datada de 1664, produz uma sensação de profundidade com suas grades geométricas. Diante dela, um alto-relevo com uma imagem da Morte. E, no centro do altar, pende do teto um gigantesco crucifixo com um Cristo gótico martirizado.

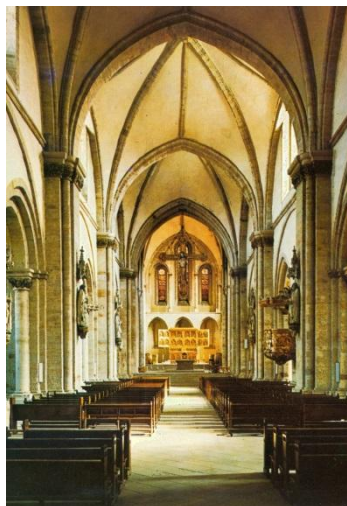
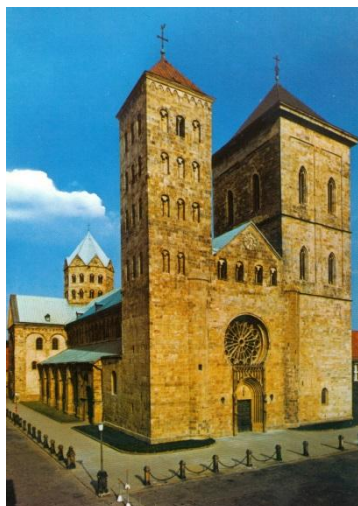


Fig. 2: Dom Saint Peter, interior, Schmiedeeiserne Tür.

Da “Hegertor” (antiga porta da cidade murada), passando pela bela Krahnstrasse, até à imponente Rathaus (Prefeitura), com sua Friedensaal (Sala da Paz) amadeirada, estende-se o restaurado bairro medieval, que percorro de ponta a ponta. Passeio por vielas estreitas, sem saber aonde vou chegar.



Termino a visita no castelo barroco transformado em Universidade, em frente ao curioso edifício da “Kulturamt” (Secretaria de Cultura).

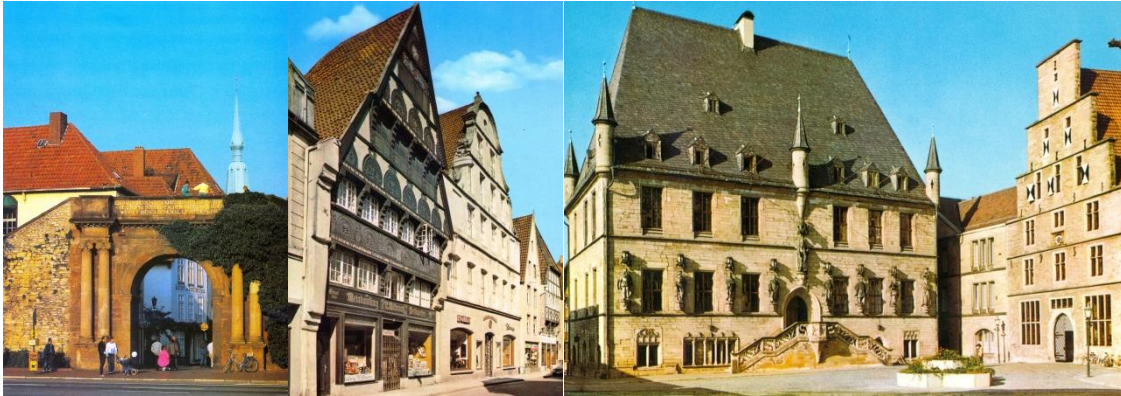


Fig. 3: Hegertor, Krahnstrasse, Rathaus.

Por que fui, afinal, a Osnabrück? Para ver, no Museu de História Cultural de Osnabrück, as obras de um artista engajado de quem eu apenas ouvira falar, mas que me interessava especialmente, desde que vira a imagem de um quadro seu numa revista: um judeu esquelético, magro como um esqueleto, vestido num saco de estopa remendado, parado à janela, com a estrela amarela.

Nessa pequena cidade típica da Alemanha, numa Villa da Schloßstraße, Felix Nussbaum nasceu no dia 11 de dezembro de 1904, segundo filho de Phillip e Rahel, judeus abastados e cultos, donos de uma fábrica de objetos de metal. O pai, que gostava de pintar nas horas vagas, apreciava a arte moderna – o impressionismo de Vincent Van Gogh (1853-1890), o expressionismo de Karl Hofer (1878-1955), a Escola de Paris de Maurice Utrillo (1883-1955) – e ao perceber o talento do filho incitou-o a “pintar como Van Gogh”.

Em 1922, o jovem Felix foi para Hamburgo, onde começou a estudar pintura. Mas no verão de 1923 preferiu seguir para Berlim, onde estudou com o expressionista Cesar Klein (1876-1954) e outros pintores então renomados.

Em 1924, Felix conheceu a jovem artista polonesa Felka Platek (1899-1944), nascida no gueto judaico de Varsóvia, e que vivia desde os doze anos em Berlim, onde fazia seu aprendizado com o pintor expressionista Ludwig Meidner (1884-1966). Os dois jovens artistas tornaram-se amantes e passaram a viver juntos.

Na pintura *Os dois judeus* (1926), Felix retratou-se pela primeira vez como judeu, dentro da sinagoga de Osnabrück, ao lado de Abraham Elias Gittelsohn, o Kantor da comunidade, que encarna o judaísmo ortodoxo, enquanto o artista,



sem barba, representa o judeu reformado, moderno, ligado às tradições judaicas mais por laços culturais que religiosos. Felix não renegava seu judaísmo, mas não queria ser conhecido como um “pintor judeu”, evitando os temas judaicos, porém nem sempre conseguindo fugir deles numa Alemanha cada vez mais obcecada com a “questão judaica”.

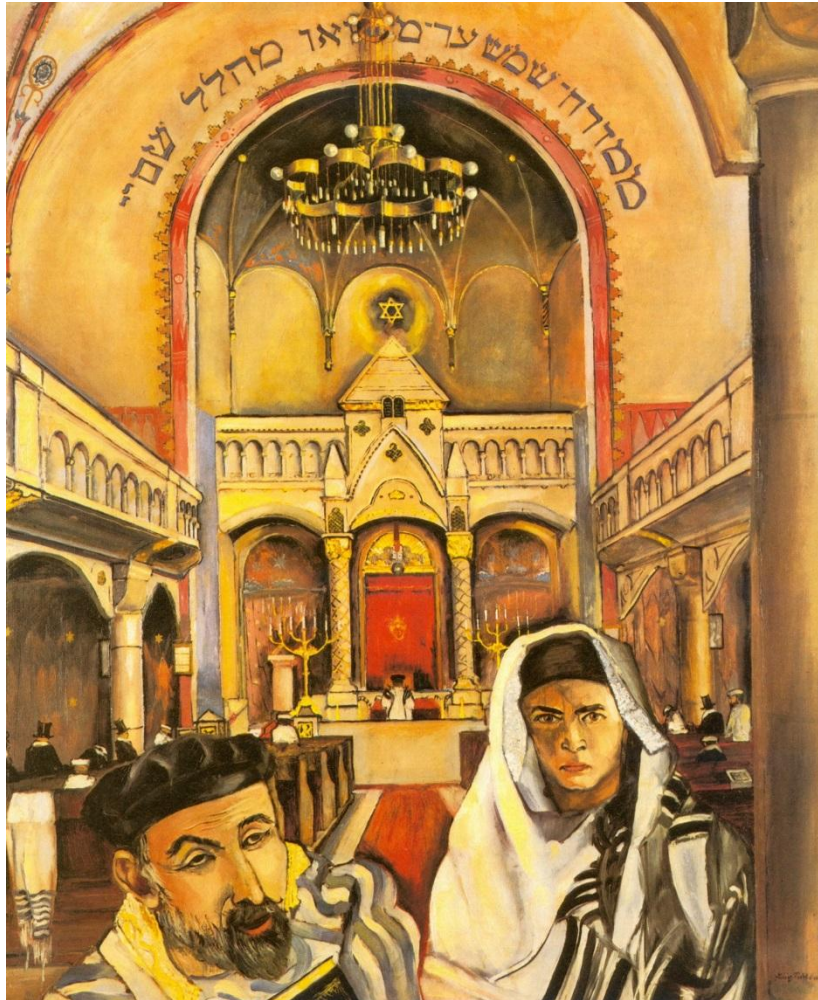


Fig. 4: Os dois judeus (1926).

Em *Autorretrato com chapéu verde* (1927), Nussbaum retratou-se usando um chapéu verde, em uma alusão aos autorretratos de Van Gogh, pintor que será o seu grande referencial enquanto não encontra ainda seu próprio estilo. É dessa fase os seus *Girassóis* (1928).



Fig. 5: Girassóis (1928).

Em 1928 Felix tornou-se aprendiz do mestre do desenho impressionista Hans Meid (1883-1957), e fez sua primeira exposição individual, aos 23 anos, na Galerie Casper em Halleschen Ufer. Na trilha de Van Gogh, Felix visitou o sul da França e ali pintou *Les Alyscamp* (1928) e *Paisagem da Provença* (1928).

De volta a Berlim, em 1929, o casal Nussbaum abriu seu ateliê na Xantener Strasse, 23, tentando viver de arte. Como numa despedida das influências de sua juventude, Felix pintou *Lembranças de Norderney* (1929), anunciando a busca de um caminho próprio na pintura: junto à fachada do Hotel Villa Nordsee, onde, criança, passava as férias com os pais, um cartão-postal gigante traz a mensagem: “Sentimento de tristeza – que esmaga nossa alma como uma roda. Apesar de tudo, nada tenho de um desmancha-prazeres – e somos uma



sociedade muito fiel. Deixemos de lado as coisas invisíveis aos nossos olhos, os pintores modernos. Por ora vos saúdo e beijo, queridos, filho Felix”.

Cada vez mais preocupado a expressão do invisível, aproximou-se da pintura de Henri Rousseau e de Karl Hofer. Suas pinturas desse período já são bastante perturbadoras, com a presença de pragas, esqueletos vivos, gatos pretos, caixões, tumbas, cemitérios, paisagens de ruínas e o sol negro que domina *O pessimista* (1930).

Felix também retratou a nova geração de artistas modernos, com suas pinturas aparentemente rejeitadas, concentrados num ato de revolta contra os velhos acadêmicos, que adentram em fraques negros a Academia de Arte de Berlim, enquanto um anjinho lança flores brancas e azuis à passagem daqueles vetustos, em *A praça fantástica* (1931).

Em 1932, Felix foi estudar em Roma, na Villa Massima. Ali sofreu forte influência do surrealista italiano Giorgio de Chirico (1888-1978) e do belga expressionista James Ensor (1860-1949), a quem encontrou pessoalmente. Refletiu essas influências num desviante *Narciso* (1932): se na cultura clássica Narciso é branco, o seu é negro; se os negros são representados tradicionalmente com o pênis avantajado, o seu tem um pênis minúsculo. E o espelho que o reflete não é o de um lago, mas um espelho comum dependurado numa arruinada coluna romana.

Em 1933, Felix ganhou uma bolsa da Real Academia de Arte de Berlim para continuar seus estudos em Roma, mas uma briga que ele teve com o colega Hubertus von Merveldt teve como resultado que ambos foram obrigados a deixar a Academia. Ao mesmo tempo, seu ateliê berlinense pegou fogo e 150 quadros – quase toda sua obra até então – foram destruídos pelas chamas.

Alguns autores atribuem a perda de sua bolsa ao antissemitismo e o incêndio de seu ateliê a um ataque das S.A., mas não há um consenso entre os estudiosos sobre esses incidentes. Felix pediu ao Diretor da Academia que enviasse suas obras que ali ficaram para a Vico Nazario Sauro, 6; e, ao pai, que recolhesse e guardasse consigo as obras sobreviventes do ateliê.

Felix pretendia retornar ao seu país para se destacar na pintura alemã. Mas, com o triunfo de Hitler, tudo mudou. Em abril de 1933, o Ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, definiu a política nazista para as artes: “A raça ariana e o heroísmo são os principais temas que o artista nazista deve desenvolver.” Os judeus estavam excluídos da nova cultura alemã nazificada.



O pai de Felix, um patriota orgulhoso que lutara na Primeira Guerra, não podia mais pertencer à Associação de Veteranos. Despediu-se dos camaradas com patética nostalgia num poema que escreveu para a ocasião: “Por enquanto adeus, minha pátria, / a bandeira que eu servi através de tudo. / E se alguma vez precisar de uma mão leal /eu estarei pronto para o chamado.”.<sup>1</sup>

Phillipp seguiu com a esposa Rahel para a Suíça. Felix foi para Paris em outubro de 1932, onde passou alguns meses. Em Monte Carlo, encontrou o amigo Dr. Fritz Steinfeld, que estava imigrando para a Palestina. E foi ao encontro dos pais em Rapallo, onde os três passaram o verão de 1934.

Na pintura *A praia de Rapallo* (1934), Felix expressou a alegria desse momento, sem poder imaginar que seria a última vez que veria os pais. Contra suas admoestações, Phillip e Rahel retornaram à Alemanha. Felix tematizou seu medo em relação aos pais em *O cavaleiro doente* (1934): aparentemente fugindo de seu próprio cavalo amarelo sem vida, o cavaleiro, sem nada ver pela frente, corre em direção à Morte, que o aguarda à porta de um campo de concentração.

Em janeiro de 1935, Felix e Felka foram, com vistos de turistas, para Paris, onde ficaram no Hotel Nicole, Rue Pierre Nicole, 39, até 22 de janeiro, quando seguiram para Seebad Ostende, na Bélgica. Felix solicita a James Ensor uma recomendação para suas pinturas, e a obtém.

Em 1936, o casal Nussbaum mora em diversos locais, até que, em setembro de 1937, fixam-se em Bruxelas, alugando um imóvel à Rue Archimède, 22. Eram agora imigrantes clandestinos na Bélgica, e sobreviviam ilustrando livros, desenhando para publicidade, vendendo pinturas e peças de artesanato. Provavelmente recebiam ainda alguma ajuda da família.

Nesse período Felix realizou uma série de autorretratos, onde refletiu sua situação paradoxal de artista judeu alemão exilado por não poder mais ser o que era vivendo em sua pátria, devendo seguir fugindo, sem descanso, como um criminoso. Em suas naturezas mortas, uma flor de haste quebrada verga para baixo. Em outubro de 1937, Felix e Felka se casaram. O pai enviou a Felix as obras que haviam sobrevivido ao incêndio do ateliê berlinense.

Na Alemanha, as medidas antissemitas se ampliaram com a “arianização” das empresas. Justus, o irmão mais velho de Felix, retratado em *Autorretrato com o irmão* (1937), que ainda cuidava da fábrica de metais da família em Osnabrück, não podendo mais manter o negócio, deixou o país num voo para Amsterdam, no dia 2 de julho de 1938, com a esposa Herta e a filha de dois anos, Marianne.



Nussbaum fez amizade com o escultor belga Dolf Ledel e obteve dele alguma ajuda, sendo convidado a participar, em 1938, da exposição *Freie Deutsche Kunst* (Artistas Alemães Independentes) em Paris, realizada num contraponto à exposição nazista *Entartete Kunst* (Arte Degenerada), então aberta em Munique. Nussbaum enviou para a exposição de Paris as pinturas *As pérolas* e *Natureza morta com janela gradeada*, carregadas de significação política, mas devido a complicações técnicas, seus quadros não chegaram a ser expostos.

Em maio de 1939, os pais de Felix, que tanto relutavam em abandonar o país, decidiram finalmente partir, reunindo-se ao filho Justus, em Amsterdam. Poucos meses depois, na Noite de Cristal, de 9 para 10 de novembro de 1939, a sinagoga de Osnabrück foi queimada e os judeus da cidade foram detidos e enviados a Dachau.

Felix anteviu a destruição da civilização ocidental pelo nazismo em *O grande desastre* (1939), onde o sol, a lua e um terceiro astro surgem ao mesmo tempo, arremessados do céu à Terra, devastando tudo à volta. Para Sonja Friedmann, essa pintura de Nussbaum, toda trabalhada em preto e branco, é “o equivalente, para os judeus, ao que representa a *Guernica* de Picasso para os espanhóis: a morte, a destruição, a dor, a impotência e o desespero, a angústia e a ira.”<sup>2</sup>



Fig. 6: O grande desastre (1939).

A destruição dos judeus refugiados do nazismo torna-se o tema de um ciclo impressionante de pinturas de Nussbaum, onde o globo terrestre tem papel





central. Em *O refugiado: visão da Europa* (1939), um homem chora de desespero, sentado ao fundo do quarto, de uma nudez desoladora, depois de consultar o globo terrestre, mostrando o mapa da Europa, colocado ao centro de uma longa mesa de madeira, com uma superfície branca e lisa. O globo não oferece resposta à triste figura que procurou algum lugar na Europa onde pudesse escapar da perseguição que voltava a ameaçar os judeus em pleno século XX. Corvos sobrevoam no horizonte entre duas árvores secas, anunciando o destino deles.

Numa segunda versão do quadro, *O refugiado* (1939), a mesma imagem retorna, com duas diferenças: a mesa de madeira está mais definida, toda ela de madeira, com riscos e nós na superfície, fazendo ressaltar ainda mais o globo, que mostra, além da Europa, também a África, ampliando o desespero do refugiado, recusado em todo o planeta.



Fig. 7: O refugiado (1939).

No dia 8 de maio de 1940, as tropas alemãs invadiram a Bélgica e dois dias depois, a 10 de maio, todos os judeus alemães que estavam vivendo em território belga foram detidos e deportados para o campo de concentração de Saint Cyprien, nos Pirineus, sul da França. Polonesa, Felka foi poupada e permaneceu em Bruxelas.



No campo, Felix passou três meses de humilhações e sofrimentos. Ali reencontrou Georg Meyer, um amigo de escola de Osnabrück, e os dois decidiram escapar. Em 3 de agosto de 1940, Felix solicitou seu repatriamento para a Alemanha. Em setembro, no *checkpoint* em Bordeaux, Felix conseguiu escapar dos guardas, entrando num trem de passageiros para Bruxelas, onde reencontrou Felka.

O casal permaneceu refugiado na própria casa onde moravam. Sem poder sair à rua sem arriscar um encontro com a Gestapo e perder a vida, os Nussbaum sobreviviam com os alimentos que seus amigos belgas lhes doavam e as vendas eventuais de ilustrações para livros e cerâmicas pintadas.

No dia 28 de outubro de 1940 são decretadas as Medidas contra os Judeus na Bélgica. Em meio ao terror e à miséria crescentes, Felix continuou a pintar seus quadros, servindo-se dos materiais que seus amigos pintores lhe forneciam. Datam desses anos sombrios as obras de Nussbaum que o projetarão como um artista único em toda a história da arte.

A experiência no campo de concentração de Saint Cyprien deixara marcas profundas no corpo e na alma de Felix Nussbaum. Sem higiene em meio à sujeira e às doenças, ele percebera que o homem era capaz de suportar tudo. Em *Autorretrato no campo* (1940), ele se coloca em primeiro plano, denunciando o horror com um olhar direto que acusa o mundo indiferente.



Fig. 8: Autorretrato no campo (1940).



Judeu de pouca fé, Felix registrou, contudo, em *A sinagoga do campo* (1941), a força da fé judaica, que permanecia viva, apesar do horror, entre os prisioneiros judeus. Sob um céu escuro, como a indicar a inexistência de Deus, cinco judeus oram numa barraca do terreno enlameado – quatro deles rezam juntos; o quinto, à direita, permanece apartado. Este solitário parece ser o artista, tentando identificar-se com a fé judaica, sem aceitá-la inteiramente.



Fig. 9: A sinagoga do campo (1941).

Sob o impacto do bombardeio da Inglaterra pela Luftwaffe, Nussbaum pintou *Medo* (1941), um autorretrato com sua sobrinha Marianne. Em *A tempestade* (1941), um grupo de pessoas reunido num pico estreito aponta para a tempestade, cada qual manifestando uma reação diversa: perplexidade, dúvida, indiferença louca, medo, tristeza, conformismo. Sem um Estado próprio que o protegesse, o povo judeu reagia sem unidade à catástrofe que se anunciava.

No dia 28 de maio de 1942 foi decretada a deportação dos judeus da Bélgica, que começou a ser operada em agosto de 1942, com os transportes de judeus para seu extermínio no Leste. Vivendo sem documentos na Bruxelas ocupada e temendo ser denunciado, o casal Nussbaum preferiu refugiar-se em seu ateliê, localizado num subsolo da Rue General Gratry, 23, aparentemente mais seguro.

Felix deixou no apartamento da Rue Archimède três grandes quadros que não pode carregar: *St. Cyprien* (1942), que pintou em junho, evocando seus tormentos no campo de concentração, a indiferença do mundo simbolizada na



presenta inerte de um globo terrestre destroçado; *Noite* (1942), onde Felix e Felka, nus e de costas para a janela aberta, parecem conformados com a impossibilidade da fuga; e *O organista* (1942), onde o instrumento destruído parece simbolizar a impossibilidade da fuga e da salvação.



Fig. 10: St. Cyprien (1942). Detalhe.

Entre 5 de março e 18 de junho de 1942, já imaginando seu destino, Felix confiou a guarda de suas pinturas, ou segundo alguns autores vendeu-as simbolicamente a marco cada uma, ao dentista Josef Grosfils e ao amigo deste, Dr. Lefèbvre. Pediu ao Dr. Grosfils: “Se eu sucumbir, não deixe que minhas pinturas morram; mostre-as ao público.”<sup>3</sup>

A partir de julho (segundo outras fontes, entre julho e agosto, segundo outras ainda, em outubro) de 1942, Felix e Felka receberam ajuda dos Ledel, abrigando-se num esconderijo providenciado pelo casal, na Rue Nouvelle, 8. No dia 25 de novembro de 1942, Felka perdeu sua cidadania alemã.

Em março de 1943 os Ledel decidiram fugir para as Ardenas, entrando na Resistência. Queriam levar os Nussbaum, mas Felka não tinha mais forças e os Nussbaum permaneceram em Bruxelas, retornando ao imóvel da Rue Archimède. O proprietário providenciou para o casal um esconderijo no sótão.



No ateliê da Rue General Gratry Felix fez, entre maio e junho de 1943, outro esconderijo, e pode ali voltar a pintar alguns quadros, que ali permanecerão. Nesses quadros, o marrom é a cor do sofrimento; o azul, a cor da nostalgia; e o verde, a cor da morte.

Em *Autorretrato no cavalete* (1943), Felix, de olhar frio e irônico, parece quase conformado com a situação sem saída. Mas os três vidros de tinta com que ele pinta seu quadro trazem rótulos veementes: “Veneno” (apenas em ícone), “Nostalgia” e “Sofrimento”.

Cada vez mais acuado, Felix pintou em agosto de 1943 seu *Autorretrato com cartão de identidade judeu* (1943) usando um casaco com a estrela amarela, encostado na quina de um muro, sem ter para onde escapar, os olhos transidos de medo, mostrando seu cartão de identidade com o J de “judeu” estampado (local de nascimento apagado, nacionalidade: “sem”), a um invisível agente da Gestapo. Além do muro, um edifício sombrio, uma árvore com os galhos decepados e um céu escuro sobrevoado por corvos.

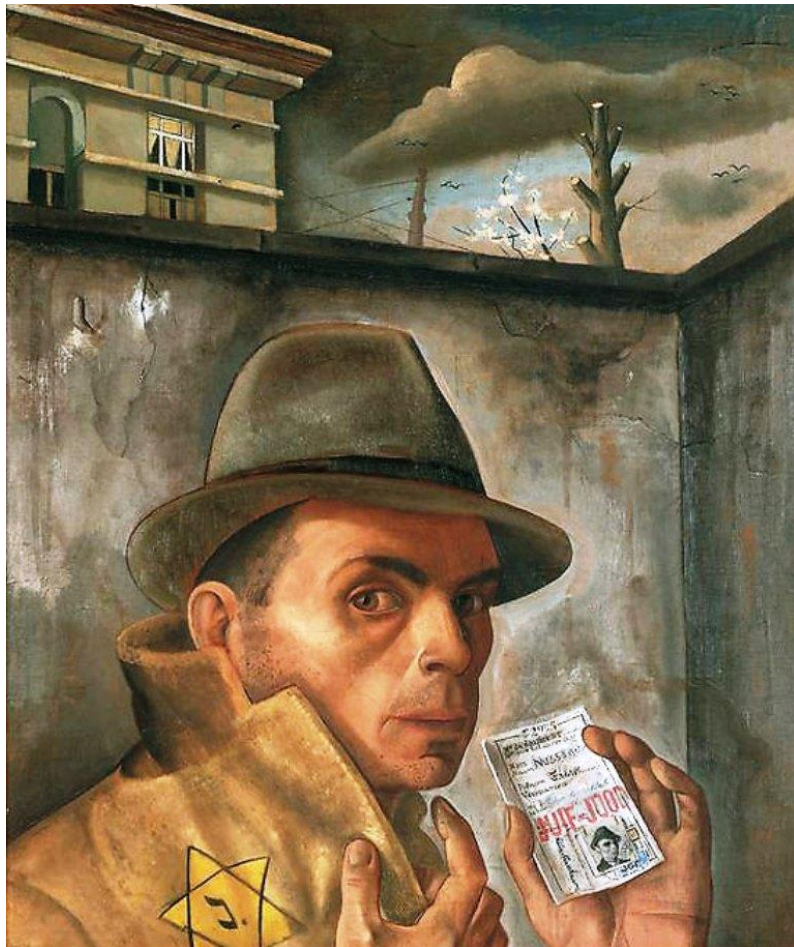


Fig. 11: Autorretrato com cartão de identidade judeu (1943).



*Judeu à janela* (1943), pintado em dezembro de 1943, traria, segundo alguns críticos otimistas, alguma esperança, pois as derrotas militares das forças nazistas em Stalingrado e no norte da África pareciam bons presságios do fim próximo da guerra. O judeu (Nussbaum) aparece num estado de degradação terminal, reduzido à miséria, à fome, ao desespero. O corpo esquelético veste uma camisola (quase um sambenito) com remendos coloridos, dentre os quais sobressai, como outro remendo, a estrela amarela. A janela ao lado da qual ele se coloca para receber um pouco de sol é ao mesmo tempo as barras de uma prisão. Mas essa prisão encontra-se também em ruínas.

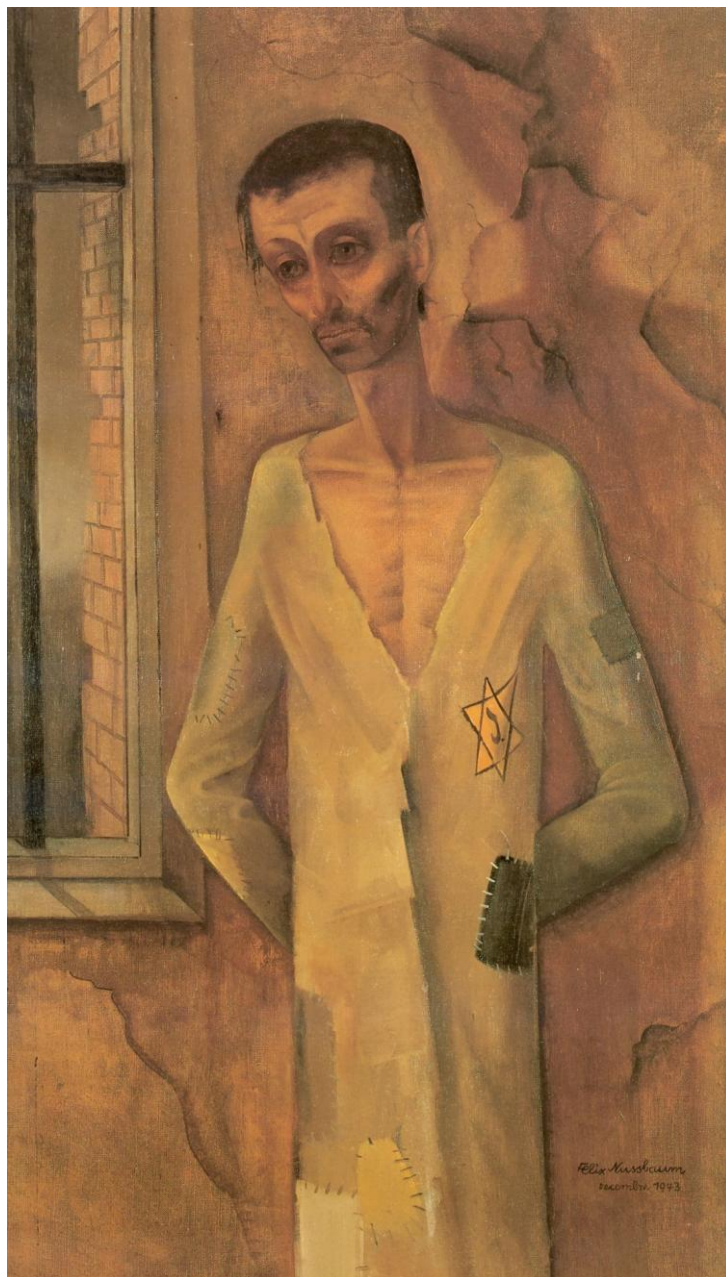


Fig. 12: *Judeu à janela* (1943).



Agora, sem os últimos amigos que lhe restavam, sem poder sair de casa, o casal Nussbaum, de volta ao refúgio da Rue Archimède, contava apenas com um esconderijo na mansarda que o bom locatário fizera para eles, para que pudessem eventualmente escapar durante as batidas da Gestapo.

Nesse período aterrorizante de idas e vindas dos cômodos para a mansarda, Nussbaum fez apenas desenhos e pinturas a guache, não podendo trabalhar com tintas cujo cheiro poderia denunciá-lo. Dessa produção feita mais para distrair o artista do medo constante, destaca-se *Natureza morta com escultura africana* (1943), que alude à arte considerada “degenerada” pelos nazistas.

Em agosto de 1943, o irmão Justus Nussbaum, que ainda mantinha sua fábrica no exílio holandês, gozando de alguma proteção por empregar operários “arianos”, perdeu esse privilégio. Ele, Herta e Marianne foram presos em casa e enviados a Westerbork, depois internados no campo de Stutthof.

Em dezembro de 1943, sem mais esperanças de sobreviver, Felix voltou a pintar quadros a óleo, como em *Casal triste* (1943), onde um casal precocemente envelhecido, cadavérico, se posta diante da janela entreaberta, sem qualquer esperança de poder sair de seu esconderijo.

Em *Os condenados* (1944), datado de 5 de janeiro de 1944, a alegoria traz Nussbaum e Felka em meio a um grupo de desgraçados, vestido apenas com um saco e uma espécie de boné verde, a cor da morte. Esqueletos vivos carregam caixões, que trazem os números 25.367 e 25.368, indicando que o artista sabia o número dos judeus destinados à deportação na Bélgica.

*Grupo de três* (1944) parece acenar com uma esperança. Três judeus parecem ainda sonhar com a fuga e a sobrevivência. Eles acabaram de ler um jornal, um deles reflete sobre o que leu; o outro, com *talit*, observa um mapa pendurado na parede; a mulher, entre os dois, olha pela janela. A estrela amarela está sobre a mesa, como se eles estivessem planejando uma fuga no meio da noite.

Em fins de janeiro de 1944, Felix pinta *Iequê na rua* (1944), onde um adolescente judeu surge abatido, abandonado e quase indiferente ao que lhe possa acontecer no meio de uma rua deserta, com a estrela amarela no peito. Não há mais ninguém na rua, mas ela guarda um aspecto sinistro e ameaçador.

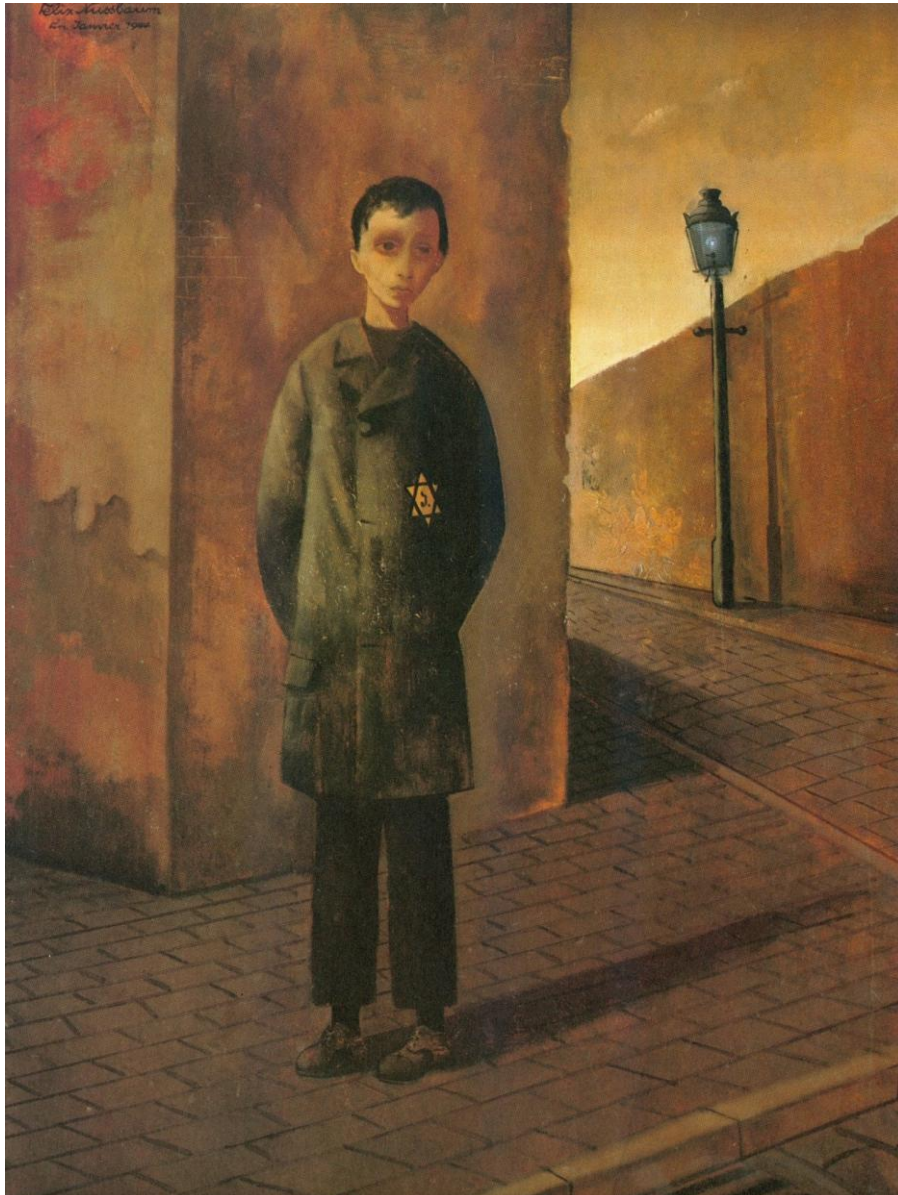


Fig. 13: Ieque na rua (1944).

No dia 8 de fevereiro de 1944, os pais de Felix, Phillipp e Rahel, que haviam sido presos em Amsterdam em agosto de 1943, foram deportados para Auschwitz. Sem nada saber do destino deles, mas já tendo perdido as próprias esperanças de sobreviver ao nazismo, Felix começou a pintar sua obra-prima, e sua última mensagem ao mundo: *Triunfo da morte* (1944).





Fig. 14: Triunfo da morte (1944).

Esqueletos músicos tocam e dançam num cenário de ruínas onde se acumulam, como num depósito de lixo, os cacos imprestáveis da civilização ocidental. Há símbolos de todas as profissões, de todas as artes. A Morte triunfa enquanto no céu nublado pipas em forma de máscaras grotescas parecem observar tudo, fingindo reações inanimadas àquele horror.

O organista representa o pintor, mas ele não toca esse instrumento, privilegiado pela Igreja em suas cerimônias sagradas, pois o teclado parece estar destruído, como tudo em volta dele. As cores do quadro são esmaecidas, e tudo adquire uma tonalidade amarronzada. O globo terrestre está semienterrado.

As pipas parecem simbolizar o fracasso dos Aliados em impedir o Holocausto. Ao longe, um grupo de pipas simula uma esquadrilha de aviões bombardeiros. Mas são apenas pipas, nada que possa pôr fim à infâmia do nazismo.

Para seis milhões de judeus, a Morte realmente triunfou. Os Aliados, mesmo sabendo da existência de Auschwitz, nunca se dispuseram a bombardear os trilhos que levavam os judeus para a Morte. Encerrando uma visão apocalíptica, mas inteiramente verdadeira da realidade, *Triunfo da morte* foi a última pintura de Felix Nussbaum, terminada no dia 18 de abril de 1944.

Nussbaum não parecia confiar no Dr. Grosz, e depois de terminar *Triunfo da morte*, teve um pressentimento sobre o destino de suas obras, e escreveu aos Blum, que o ajudaram a esconder-se: “Se alguma coisa acontecer-me, por favor,



cuidem de minhas obras. Elas estão com o Dr. Grosfils, Avenue Brugman, 255, e seu amigo Dr. Lefèbvre. Dou-lhes aqui minha autorização.”<sup>4</sup>

No dia 20 de junho de 1944, depois de passar os últimos onze anos fugindo da Morte nazista, Felix e Felka foram denunciados por um vizinho, que provavelmente sentiu novamente o cheiro da tinta, e presos pela Wehrmacht no sótão do apartamento da Rue Archimède. O denunciante ganhou uma recompensa da Gestapo. Felix e Felka foram enviados para o campo de concentração de Mechelen, que recebeu em torno de 25 mil judeus belgas.

De Mechelen, Felix e Felka embarcaram no dia 31 de julho de 1944 no último trem de deportação que partiu da Bélgica, de número 26, com mais 563 judeus, até Auschwitz, ali chegando no dia 2 de agosto de 1944. Seus números: XXVI/284 e XXVI/285.

Felka deve ter sido gaseada assim que desceu as rampas de Birkenau, embora o registro de sua morte até hoje não tenha sido encontrado. Felix foi gaseado no dia 9 de agosto, sem ter sequer sabido que ali mesmo seus pais haviam sido mortos em fevereiro.

No dia 3 de setembro de 1944, o irmão Justus, sua esposa Herta e a filha Marianne foram deportados de Westerbork para Auschwitz. Três dias mais tarde, mãe e filha foram assassinadas. No dia 6 de setembro de 1944, os Aliados começaram a libertar a Bélgica, mas já era tarde demais para os judeus do país, incluindo os Nussbaum. Ainda em fins de outubro, Justus foi enviado ao campo de Stutthof, onde morreu de exaustão, em dezembro de 1944.

Mesmo sem poder salvar os membros dispersos de sua “sociedade fiel” – seu pai, sua mãe, seu irmão, sua cunhada, sua sobrinha, sua esposa e a si mesmo, todos alcançados, em diferentes pontos da Europa, pelos longos braços da Morte nazista – Felix Nussbaum conseguiu, contudo, milagrosamente, salvar seus quadros, preciosos não apenas por suas qualidades artísticas, como também pelo registro único que fizeram do Holocausto.

Essa salvação não foi nada simples. O Dr. Grosfils ignorou o último desejo do artista condenado. Depois da guerra, ele nunca sequer tentou organizar uma mostra das obras de Nussbaum, cujos quadros ficaram esquecidos na garagem de sua casa. Ele também se recusava a devolver as obras aos legítimos herdeiros de Nussbaum, seus parentes mais próximos, primos do lado materno.

Foi preciso entrar com uma ação judicial. Em 1969, um tribunal belga deu ganho de causa de propriedade dos quadros à família remanescente de



Nussbaum, os primos August Moses-Nussbaum e Shulamit Jaar-Nussbaum, que vivem em Israel. O Dr. Grosfils cobrou, então, uma soma exorbitante pelo tempo de guarda das obras, embora elas estivessem jogadas no sótão, sem nenhum cuidado.

A primeira retrospectiva póstuma de Felix Nussbaum foi organizada em 1970 pelo Dr. Walter Borchers e seu sucessor Dr. Manfred Mainz, diretores do Museu de História Cultural de Osnabrück. A exposição foi aberta em fevereiro de 1971, no Kunsthalle Dominikamerkirche pelo então Prefeito de Osnabrück, Willy Kelch. A pequena cidade foi fortemente impactada pelo acontecimento.

Na ocasião, o jornal local, *Neue Osnabrücker Zeitung*, publicou um artigo, a 24 de fevereiro de 1971, intitulado “Quem se lembra de Felix Nussbaum?”, encorajando a busca das obras sobreviventes do pintor em todo o mundo. Os pesquisadores Peter Junk e Wendelin Zimmer assumiram a investigação.

Em 1975, Willy Billestraet, um antiquário de Bruxelas, ofereceu oito pinturas de Nussbaum datadas de 1942-1944, incluindo *St. Cyprien*, *Autorretrato com cartão de identidade judeu* e *Triunfo da morte*. Billestraet declarou que Felix vivera com seu pai na Rue General Gratry, e dera-lhe as pinturas como pagamento por aluguel e comida. Na verdade, Felix alugara nesse endereço seu ateliê, enquanto morava no sótão do apartamento da Rue Archimède.

Quando, mais tarde, Billestraet ofereceu uma nova coleção de desenhos de vários períodos da obra de Nussbaum, ficou claro que ele havia “herdado” tudo o que havia permanecido no ateliê quando o casal Nussbaum foi preso, em 20 de junho de 1944. Billestraet já havia, inclusive, vendido algumas obras, para colecionadores de arte, sobretudo judeus.

Os jornalistas encorajaram então o Museu de História Cultural de Osnabrück a adquirir e abrigar as obras do pintor. Tratava-se de uma questão política, a honra da cidade estava em jogo. Houve resistências. Mas, depois de um amplo debate, que forçou a cidade a se confrontar com seu passado nazista, a Prefeitura de Osnabrück decidiu adquirir a maior parte do legado de Nussbaum. Nunca antes a cidade se comprometera tanto com um único artista.

A crítica alemã dos anos de 1930 considerava Nussbaum um artista menor. E ele talvez assim passasse à História da Arte, se a perseguição nazista não o tivesse levado a engajar sua pintura, que ganhou nesse processo uma grandeza trágica, refletindo a degradação da condição do povo judeu em pleno



Holocausto. Suas obras transcenderam então a própria pintura, tornando-se registros pictóricos do genocídio que incluía o próprio artista.

Como observou Irit Salmon-Livne, “o Surrealismo que influenciou [Nussbaum] tornou-se uma metáfora de sua própria vida surreal.”<sup>5</sup> As máscaras, que abundam em seu imaginário, tornam-se símbolos da condição judaica degradada pelo nazismo. Forçado a esconder-se e a dissimular sua identidade, sendo ao mesmo tempo visto como um “mascarado” que ocultaria uma “essência má”, o judeu torna-se, no mundo nazificado – e na pintura simbólica de Nussbaum –, uma “máscara” ambulante.

O interesse pela obra de Nussbaum cresceu em 1980 com a exposição “Resistência, não adaptação: arte em oposição ao fascismo, 1933-1945”, que reuniu, pela primeira vez, após a guerra, obras dos artistas perseguidos e assassinados pelo nazismo. A mostra incluía obras de Nussbaum e *Autorretrato com cartão de identidade judeu* foi a capa do catálogo. O artista esquecido pelos historiadores da arte foi subitamente revelado ao mundo.

Em 1982, 40 pinturas de Nussbaum foram reunidas no Frans Hals Museum em Haarlem, coincidindo com a publicação da monografia dos pesquisadores Peter Junk e Wendelin Zimmer, resultado de dez anos de investigações sobre o artista, e que se tornou a base de todos os estudos posteriores. Pela primeira vez, o nome de Felix Nussbaum foi mencionado na TV.

No mesmo ano de 1982, o Instituto Goethe de Bruxelas montou uma nova exposição sobre a vida e a obra de Felix Nussbaum, que trouxe à luz dois documentos importantes: as *Memórias* do Dr. Fritz Steinfeld, médico de Osnabrück que manteve relações de amizade com Felix em Berlim; e uma coleção de 25 fotografias de suas obras.

O artista arriscou a vida encomendando o trabalho ao fotógrafo profissional Robert Martin, que trabalhava na Rue du Commerce, 51. As fotos foram encontradas no esconderijo da Rue Archimède. Nussbaum dava aos seus quadros engajados o caráter de um documentário sobre o Holocausto. Tinha consciência de que se sua arte sobrevivesse seria um testemunho político de primeira ordem, que daria sentido à sua vida mutilada.<sup>6</sup>

Em 1983, o Museu de História Cultural de Osnabrück tornou permanente a exposição das obras de Nussbaum em duas salas do andar superior. A exposição foi aberta em 20 de março de 1983 pelo Presidente da República da Alemanha Federal, Karl Carstens, na presença dos primos herdeiros do artista.



Em 1985, o Museu Judaico de Nova Iorque montou uma retrospectiva Felix Nussbaum com um catálogo em inglês, o que possibilitou que o nome do artista se tornasse conhecido mundialmente pelos especialistas.

Outras exposições, como a de Berlim, em 1988, proporcionaram novas descobertas de obras de Nussbaum. Logo seus quadros começaram a aparecer no mercado internacional de arte. Havia compradores na época do nazismo que após adquirir seus quadros escondiam-nos em sótãos, com medo de denúncias, e elas ali ficaram esquecidas. Agora, valorizadas pelas mostras, elas podiam ser finalmente desempacotadas e vendidas.

Em 1990, a Christie's de Amsterdam colocou em leilão três pinturas de Nussbaum e, em 1992, mais oito. Todas essas obras estavam no apartamento dos pais do artista, Phillip e Rahel, quando eles foram presos pelos alemães, em agosto de 1943. Essas pinturas estavam penduradas num corredor do apartamento da Legmeerstraat, 10, em Amsterdam West. Felix as havia mandado de Bruxelas para o pai guardá-las.

O vendedor era Lucas Kok, que declarou que as pinturas haviam sido dadas à sua tia, uma vizinha de Phillip e Rahel na Legmeerstraat, durante a guerra: "Dois quadros foram pendurados na casa do meu pai, os outros foram empacotados no sótão, não eram pinturas interessantes, que se pudesse pendurar na parede."<sup>7</sup>

Em 1990, uma nova retrospectiva teve lugar no Museu de História Cultural de Osnabrück. Na ocasião, foi publicado um primeiro catálogo das obras de Nussbaum.

Em 1993, a República Federal da Alemanha considerou as obras de Felix Nussbaum como "obras de arte de importância nacional".<sup>8</sup> No dia 10 de dezembro de 1993, apesar das dúvidas sobre os direitos de propriedade das obras, o lote de Lucas Kok foi afinal leiloado. O quadro mais importante, *Autorretrato no campo* (1940) foi adquirida por um colecionador americano.

Em 1994, foi realizada em Osnabrück a mais completa retrospectiva das obras de Felix Nussbaum, incorporando pinturas recuperadas de negligentes proprietários e outros quadros salvos de sótãos húmidos e de depósitos empoeirados. Para essa mostra, um catálogo bilíngue, atualizando o de 1990, foi publicado: *Felix Nussbaum: Art Defamed, Art in Exile, Art in Resistance - A Biography* (Félix Nussbaum: arte difamada, arte no exílio, arte na resistência).



Em 1995, o então jovem arquiteto Daniel Liebeskind, que projetaria mais tarde o polêmico Museu Judaico de Berlim e ganharia o concurso internacional para o conjunto substituto das Torres Gêmeas de Nova Iorque, foi quem venceu o concurso internacional, que contou com 300 concorrentes de todas as partes do mundo, para o projeto da casa-museu do pintor.

Feito de concreto reforçado e alumínio, com revestimento de madeira, o Museu Felix Nussbaum foi concebido como uma extensão do Museu de História Cultural de Osnabrück. A Coleção Felix Nussbaum, hoje composta por 160 quadros, fica em exposição permanente, enquanto mostras temporárias giram em torno de temas como racismo e intolerância.

O edifício é composto de três espaços: o alto e estreito corredor Nussbaum, a longa seção principal e a ponte que conecta esses espaços ao velho Museu de História Cultural de Osnabrück. Com sua forma labiríntica, tortuosa, de becos sem saída, o edifício evoca a própria trajetória de vida deste que é o pintor mais trágico da História da Arte.

No interior da estrutura, que tem a forma de um triângulo, os espaços são fechados e sem horizonte, com a luz entrando por janelas estreitas que são como frestas rasgadas na parede, com as instâncias esvaziadas de cadeiras, poltronas ou quaisquer outros móveis. Das paredes nuas pendem apenas os quadros de Nussbaum, restos de uma vida da qual tudo o mais foi retirado e destruído.

A Felix-Nussbaum-Haus foi inaugurada no dia 16 de julho de 1998, na celebração dos 350 anos da Paz da Westfalia. A original estrutura de seu edifício foi reconhecida com o Prêmio “The Best of 1998 Design Awards” da revista *Time*. Robert Fulford declarou sobre o novo museu de Osnabrück, também cidade natal de outro exilado, o escritor Erich Maria Remarque: “A cidade que deu as costas para Felix Nussbaum e sua família hoje o celebra e restabelece seu lugar na história da arte.”<sup>9</sup>



1



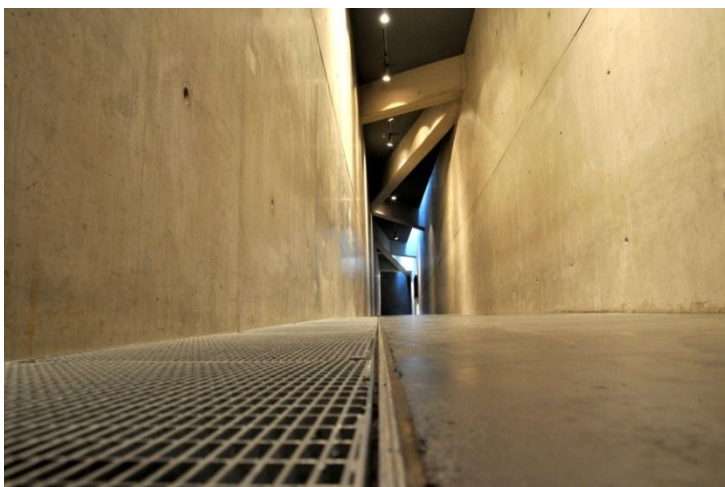
2



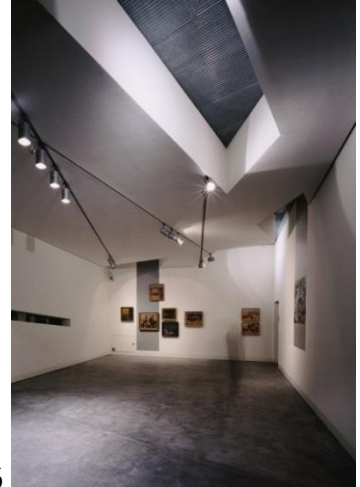
3



4



5



6

Fig. 15 (1-6): Felix Nussbaum Museum.



1. Vista aérea © Bitter Brecht.
2. Jardim de girassóis. © Bitter Brecht.
3. Expansão. © Bitter Brecht.
4. Entrada. © Hermann Pentermann.
5. Corredor. © Bitter Brecht.
6. Segundo andar. © Bitter Brecht.

Nussbaum ainda não se popularizou – e esperamos que ele nunca se popularize, pois não queremos ver suas obras estampando camisetas, bolsas e canecos – mas seus quadros são cada vez mais apreciados pelos colecionadores. Hoje, um Nussbaum atinge mais de US\$ 200 mil.<sup>10</sup> É o destino dos pintores trágicos, como Van Gogh, que só vendeu dois quadros na sua vida miserável, cumulada pela loucura e pelo suicídio, e cujas pinturas alcançam milhões de dólares em leilões.

Ou como Amedeo Modigliani, judeu também, que viveu na miséria e morreu aos 35 anos de tuberculose, agravada por álcool e drogas, seguido na morte pela companheira, Jeanne Hébuterne, jovem pintora mãe de sua filha que, ao saber do fim de seu amado, atirou-se do quinto andar da casa dos pais – tinha 21 anos e estava novamente grávida, de nove meses. A tripla tragédia elevou, no dia seguinte, a cotação dos quadros de Modigliani do zero ao infinito.

O mais trágico de todos os pintores trágicos, Felix Nussbaum encarna em sua vida e em sua obra uma tragédia sem nome, à qual chamamos, inadequadamente, de Holocausto, ou de Shoah, sem conseguir definir precisamente sua dimensão, uma tragédia que não foi produzida pela natureza, nem pelas condições gerais da vida, mas pelo Estado mais poderoso da Europa contra uma minoria sem Estado, perseguida em toda parte.

Contudo, o desejo de Felix Nussbaum de inscrever sua obra na História da Arte foi tão grande que, a despeito das tremendas forças contrárias, que desprezaram seu talento, cortaram seus rendimentos e bloquearam sua carreira, que saquearam seus bens, degradaram sua existência e minaram seu corpo e que, finalmente, ceifaram sua vida aos quarenta anos de idade – exterminando ainda todos os que lhe eram próximos –, seu nome conseguiu atravessar as muralhas espessas da gigantesca indústria da morte nazista, e chegar até nós.

-----

\* **Luiz Nazario** é historiador, professor de História do Cinema na Escola de Belas Artes da UFMG e Pesquisador do CNPq. Publicou, entre outros títulos, *Da natureza dos monstros*, *As sombras móveis*, *A cidade imaginária* e *Todos os corpos de Pasolini*.





---

## Notas

<sup>1</sup> NUSSBUM, Phillipp. "Ein letzter Gruss", apud BERGER, Eva; JAEHNER, Inge; JUNK, Peter; KASTER, Karl Georg; MEINZ, Manfred; ZIMMER, Wendelin. *Felix Nussbaum: Art Defamed, Art in Exile, Art in Resistance - A Biography*. Edited by Karl Georg Kaster. Translated by Eileen Martin. Bramsche: Rasch Verlag, 1994, p. 164.

<sup>2</sup> FRIEDMANN, Sonja. Pintores judíos.

<sup>3</sup> BERGER, Eva; JAEHNER, Inge; JUNK, Peter; KASTER, Karl Georg; MEINZ, Manfred; ZIMMER, Wendelin. *Felix Nussbaum: Art Defamed, Art in Exile, Art in Resistance - A Biography*. Edited by Karl Georg Kaster. Translated by Eileen Martin. Bramsche: Rasch Verlag, 1994, p. 24.

<sup>4</sup> Rediscovering Nussbaum's Works, in FIP, Hans-Jürgen, Prefeito de Osnabrück. Prefácio, in BERGER, Eva; JAEHNER, Inge; JUNK, Peter; KASTER, Karl Georg; MEINZ, Manfred; ZIMMER, Wendelin. *Felix Nussbaum: Art Defamed, Art in Exile, Art in Resistance - A Biography*. Edited by Karl Georg Kaster. Translated by Eileen Martin. Bramsche: Rasch Verlag, 1994, p. 18.

<sup>5</sup> SALMON-LIVNE, Irit. *Testimony: Art of the Holocaust*. Jerusalém: Yad Vashem, 1986.

<sup>6</sup> Rediscovering Nussbaum's Works, in FIP, Hans-Jürgen, Prefeito de Osnabrück. Prefácio, in BERGER, Eva; JAEHNER, Inge; JUNK, Peter; KASTER, Karl Georg; MEINZ, Manfred; ZIMMER, Wendelin. *Felix Nussbaum: Art Defamed, Art in Exile, Art in Resistance - A Biography*. Edited by Karl Georg Kaster. Translated by Eileen Martin. Bramsche: Rasch Verlag, 1994, p. 22-23.

<sup>7</sup> BERGER, Eva; JAEHNER, Inge; JUNK, Peter; KASTER, Karl Georg; MEINZ, Manfred; ZIMMER, Wendelin. *Felix Nussbaum: Art Defamed, Art in Exile, Art in Resistance - A Biography*. Edited by Karl Georg Kaster. Translated by Eileen Martin. Bramsche: Rasch Verlag, 1994, p. 22.

<sup>8</sup> FIP, Hans-Jürgen, Prefeito de Osnabrück. Prefácio, in BERGER, Eva; JAEHNER, Inge; JUNK, Peter; KASTER, Karl Georg; MEINZ, Manfred; ZIMMER, Wendelin. *Felix Nussbaum: Art Defamed, Art in Exile, Art in Resistance - A Biography*. Edited by Karl Georg Kaster. Translated by Eileen Martin. Bramsche: Rasch Verlag, 1994.

<sup>9</sup> FULFORD, Robert, in <http://www.robertfulford.com>, apud FRIEDMANN, Sonja. Pintores judíos: Felix Nussbaum. *La Palavra Israelita*, 20 jan. 2006, p. 12. Disponível em: <[http://www.lapalabraisraelita.cl/enero20\\_2006/12%20\(20\).pdf](http://www.lapalabraisraelita.cl/enero20_2006/12%20(20).pdf)>. Em 2010, a Felix Nussbaum Haus encomendou ao Studio Daniel Liebeskind uma extensão do museu para eventos e palestras. O novo espaço foi inaugurado em maio de 2011.

<sup>10</sup> GROSS, Netty. *The Jerusalem Report*, Jerusalém, 3 abr. 1997.



---

## Referências

ANBAU FELIX-NUSSBAUM-HAUS, in *Osnabrück*. Disponível em: <https://www.osnabrueck.de/29365.asp>. Acesso em: 04/03/2014.

FELIX NUSSBAUM HAUS. "Wenn ich untergehe - lasst meine Bilder nicht sterben." *Felix Nussbaum Haus*. Disponível em: <http://www.osnabrueck.de/fnh>. Acesso em: 18/02/2014.

FRIEDMANN, Sonja. Pintores judeus: Felix Nussbaum. *La Palabra Israelita*, 20 jan. 2006, p. 12. Artigo em PDF disponível em: [http://www.lapalabraisraelita.cl/enero20\\_2006/12%20\(20\).pdf](http://www.lapalabraisraelita.cl/enero20_2006/12%20(20).pdf).

GROSS, Netty. Felix Nussbaum. *The Jerusalem Report*, Jerusalém, 3 abr. 1997.

KASTER, Karl Georg (Org.). *Felix Nussbaum: Art Defamed, Art in Exile, Art in Resistance - A Biography*. Com ensaios de: BERGER, Eva; JAEHNER, Inge; JUNK, Peter; KASTER, Karl Georg; MEINZ, Manfred; ZIMMER, Wendelin. Köln: Vista-Point-Verlag, 1994; Osnabück: Rasch Verlag, 1994.

SALMON-LIVNE, Irit. *Testimony: Art of the Holocaust*. Jerusalem: Yad Vashem, 1986.

SHENDAR, Yehudit. Felix Nussbaum (1904-1944). *Museu Yad Vashem*. Disponível em: [http://www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/nussbaum/about\\_nussbaum.asp](http://www.yadvashem.org/yv/en/exhibitions/nussbaum/about_nussbaum.asp). Acesso em: 18/02/2014.

SIGNS OF PEACE. Powerlessness of the Individual: Felix Nussbaum – Erich Maria Remarque, in *Osnabrück*. Disponível em: [https://www.osnabrueck.de/images\\_design/Grafiken\\_Inhalt\\_Wohnen\\_Verkehr/Friedenszeichen\\_Begleitheft\\_Doppelseiten\\_englisch\\_100dpi.pdf](https://www.osnabrueck.de/images_design/Grafiken_Inhalt_Wohnen_Verkehr/Friedenszeichen_Begleitheft_Doppelseiten_englisch_100dpi.pdf).

STUDIO DANIEL LIBESKIND. *Felix Nussbaum Haus*. Disponível em: <http://daniel-libeskind.com/projects/felix-nussbaum-haus>. Acesso em 04/03/2014.